

PENSAR O (im)PENSÁVEL



INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ E PUCPRESS
DEBATEM A PANDEMIA COM

YI-FU TUAN

VINCENZO SUSCA
#PARTE.2



Instituto
Ciência e
Fé PUCPR

PUCPRESS

Pensar o **(im)pensável**

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com

YI-FU TUAN

VINCENZO SUSCA
PARTE 2



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo

SOBRE OS CONVIDADOS

Yi-Fu Tuan é geógrafo sino-americano, professor da Universidade de Wisconsin, em Madison, nos EUA, e autor de diversas obras. Foi laureado, em 2012, com o Prêmio Vautrin Lud, uma das maiores honrarias no campo da Geografia.

Vincenzo Susca é sociólogo italiano, diretor do departamento de sociologia na Universidade Paul-Valéry, de Montpellier, na França.

SOBRE OS CURADORES

Fabiano Incerti é filósofo, professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Diretor do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

Douglas Borges Candido é filósofo, doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Especialista do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

TRADUÇÃO

Eduardo Portanova Barros: é doutor em Comunicação Social pela PUCRS; tradutor brasileiro; e autor de *Truffaut: o homem que amava o cinema*.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Elisama Nunes. Projeto gráfico e diagramação: Indianara de Barros.

Você poderia nos explicar um pouco a noção de topofilia, a qual você emprega em suas obras?

Foi o filósofo francês Gaston Bachelard que cunhou a palavra “Topofilia”, embora o poeta inglês W.H. Auden pudesse tê-la mesmo antecipado. “Topofilia”, desde suas raízes, significa “amor (philia) de/do lugar (topos)”. Na verdade, eu tinha interesse nessa relação entre a “natureza” e os “seres humanos” desde os anos 1950, mas não me decidia a escrever um livro a respeito disso até ir para Minnesota, em 1969.

Você disse que se interessou pelo tema da topofilia após sua visita a Minnesota, em 1969. Poderia explicar mais sobre essa relação entre esse lugar específico e o tema?

Podemos dizer que meu interesse pela Topofilia começou em 1952 quando, como estudante de graduação na Universidade da Califórnia, em Berkeley, fui para o *Death Valley, National Monument*, onde eu senti uma profunda afinidade com a paisagem desolada do deserto. Eu não conseguia entender por qual motivo eu sentia aquilo, já que eu nunca havia visto uma paisagem desértica antes. Também me perguntei por que “me apaixonei” por uma paisagem, essencialmente, sem vida. Minha busca intelectual pelas raízes por essa afinidade em particular levou-me a uma exploração mais ampla do vínculo íntimo entre os seres humanos e a natureza. Na época em que fui para Minnesota, em 1969, percebi, então, que já havia feito meu *homework*, o dever de casa, pelo menos o suficiente para esboçar um rascunho, sendo esse mesmo rascunho que se transformou no livro “Topofilia”, publicado em 1974.

Could you explain a little the notion of topophilia to us?

The French philosopher Gaston Bachelard coined the word “Topophilia,” although the English poet, W.H. Auden might have anticipated him. “Topophilia,” from its roots, means “love (philia) of place (topos).” I had an interest in the relationship between “nature” and “human beings” since the 1950s but didn’t settle down to write a book about it until I went to Minnesota, in 1969.

In your answer to my first question, you said that you became interested in the topic of topophilia after you visited Minnesota, in 1969. Could you explain more about this relationship between this place and the theme?

My interest in Topophilia may be said to have begun in 1952 when, as a graduate student at UC-Berkeley, I went to Death Valley, National Monument, where I felt a profound affinity with the bleak desert landscape. I couldn’t understand why I felt this deep affinity since I never saw a desert landscape before. I also wondered why I “fell in love” with a landscape that is essentially lifeless. My intellectual search for the roots of this particular affinity led to a wider exploration of the intimate bond between human beings and nature. By the time I went to Minnesota in 1969, I felt I had done enough homework to write a draft and that draft turned into the book “Topophilia,” which was published in 1974.

A pandemia reativou uma série de noções espaciais em nosso cotidiano, como “distanciamento”, “isolamento”, entre outros. Podemos considerar tal fenômeno como uma ressignificação do saber geográfico em nossas vidas?

“Desapego” e “isolamento”, por um lado, e suas duas outras contrapartidas “apego” e “comunidade”, por outro, são categorias universais. O que esses termos significam, especificamente, vai depender, logicamente, da cultura e do respectivo período histórico. Dessa forma, aquelas categorias significam, para os chineses, uma coisa, mas, para os brasileiros, outra. O que a pandemia fez foi como que desordenar o significado de “desapego”, “isolamento”, “apego” e “comunidade”, isso em todas as culturas e sociedades afetadas. Portanto, durante essa pandemia, “distanciamento e isolamento” são impostos, enquanto “apego e comunidade” (no sentido de proximidade de associação) são desencorajados. Esta é uma reversão dos valores humanos tradicionais. Esperemos que seja temporária.

A pandemia acentuou as desigualdades sociais. Quais são, para o futuro, os desafios e os possíveis antídotos para a solução deste problema?

Como você disse, a pandemia acentuou as diferenças sociais. Uma delas, por exemplo, é entre aqueles que podem trabalhar no conforto de sua casa e aqueles que não, que são obrigados a trabalhar nesses locais públicos lotados, como restaurantes e fábricas. Uma tendência pré-pandêmica foi esse individualismo da classe executiva em oposição ao *comunitarismo* da classe trabalhadora, que acabou se acentuando

The pandemic has reactivated a series of spatial notions in our daily lives, such as “detachment”, “isolation”, among others. Can we consider this phenomenon as a ressignification of geographic knowledge in our lives?

“Detachment” and “isolation”, and their counter parts “attachment” and “community” are universal categories. What they mean specifically depends, of course, on the culture and historical period. Thus, the categories mean one thing to the Chinese and another thing to the Brazilians. What the pandemic does is to disrupt the meaning of “detachment,” “isolation,” “attachment” and “community” in all the afflicted cultures and societies. Thus, during the pandemic, “detachment and isolation” are enforced, whereas “attachment and community” (in the sense of closeness of association) are discouraged. This is a reversal of traditional human values. Let’s hope it is temporary.

The pandemic has accentuated social differences. What are for the future the challenges and possible antidotes for the solution of this problem?

As you say, the pandemic has accentuated social differences. One social difference is between those who can work in the comfort of home and those who have to work in crowded public places such as restaurants and factories. A trend that is pre-pandemic, the individualism of the professional class as against the communalism of the working class, is accentuated during the pandemic. Members of the professional class, already inclined toward isolation, detachment, and privacy, have that inclination further

durante a pandemia. Os membros da classe executiva, já inclinados ao isolamento, ao distanciamento e à privacidade têm aquela tendência ainda mais desenvolvida, diferenciando-os ainda mais daqueles que vivem se esbarrando em público. Falando como humanista que sou, e se isso for verdade, quem mais perde é a classe executiva. Precisamos socializar, sensorialmente, com os outros — apertando-nos as mãos, abraçando-nos, dando-nos um tapinha nas costas e assim por diante. Também precisamos prezar a companhia dos outros, porque estimulam a novidade e o entretenimento. Esse é o motivo pelo qual o camponês adora o mercado na cidade, porque é, justamente, aonde eles podem não só comercializar produtos, como também ouvir as novidades de um mundo vasto. Nas grandes cidades, essas cafeterias de calçada são populares porque o frequentador pode não apenas bater um papo com amigos e com aqueles mais íntimos, mas também observar, como se fosse para seu próprio deleite, um verdadeiro desfile de transeuntes. A pandemia abalou essa combinação de intimidade e privacidade, por um lado, e, por outro, a consciência de uma humanidade além. Pode ser restaurada? Bem, isso depende da direção que a tecnologia está nos levando. Precisamos nos perguntar: “Quem é o chefe? Nós ou a tecnologia?”, uma questão levantada por Charlie Chaplin um século atrás.

Como discutir limites territoriais com a globalização e as ondas de migração contemporâneas?

Se formos de Wisconsin para Minnesota, na fronteira entre os dois estados, veremos uma placa com a seguinte inscrição: “Bem-vindo a Minnesota”. Uma novidade do nosso tempo é a

developed, thus further differentiating them from those who rub shoulders with strangers in the public sphere. Speaking as a humanist, if this is true, the loss is with the professional class. We need to socialize sensorially with others— shaking hands, hugging, a pat on the back, and so on. We also need to appreciate non-threatening strangers, for they provide novelty and entertainment. This is why villagers love to go the market town, where they can not only trade but also receive news from a larger world. In great cities, sidewalk cafes are popular because there one not only can chat with friends and intimates, but also the parade of strangers who are there as if for one’s personal delight. The pandemic has shattered this combination of intimacy and privacy, on the one hand, and, on the other hand, an awareness of a larger humanity beyond. Can it be restored? Well, that depends on which direction technology is taking us. We need to ask, “Who is the boss? Us or technology,” a question raised by Charlie Chaplin a century ago.

How to discuss territorial limits with globalization and contemporary migration waves?

If you go from Wisconsin to Minnesota, at the border between the two states you will find a sign that says, “Welcome to Minnesota.” A novelty of our time is the European Union. States with hard borders dispensed with them. However, in my time, both the American and the European states have also hardened their border against people who do not look like them and who do not have the skills they need. But why are so many migrants knocking at their doors? Have things gone so badly in their home states or does information

União Europeia. Estados com fronteiras rígidas as dispensaram. Antigamente, porém, tanto os estados americanos quanto os europeus endureciam suas fronteiras contra pessoas que não se pareciam com eles e que não tinham, segundo eles, as habilidades necessárias para aquilo de que precisavam. Mas por que há tantos imigrantes, então, batendo em suas portas, ainda? É porque as coisas vão tão mal assim em seus estados natais ou é porque a Tecnologia da Informação desempenha algum papel nisso com informações que eles não tinham há trinta anos?

Como a geografia pode nos ajudar a repensar o contexto pós-pandêmico?

Felizmente, as pandemias nos acordam para a crise ambiental. Podemos perceber, finalmente, a necessidade de reduzir, drasticamente, a emissão de gases para desacelerar as mudanças climáticas. Como geógrafos humanistas, também precisamos entender melhor o que entendemos por meio ambiente. É equivalente à natureza — clima, florestas, solos? Ou deveríamos incluir também o vírus, algo que é, afinal de contas, parte da natureza, parte do nosso meio ambiente? Em suma, a natureza não é totalmente amigável aos seres humanos: 99,8% de todas as espécies que existiram já foram extintas. Então, por que não a espécie humana?

E gostaria de insistir na sua visão sobre o papel do conhecimento humanístico para a construção de um mundo melhor e mais justo. Como eles devem agir para promover este projeto?

A “geografia humanística” tem uma visão mais complexa sobre o significado de ser humano do que a “geografia humana” ou mesmo

technology play a role—information they did not have thirty years ago?

How can geography help us to rethink the post-pandemic context?

Hopefully, the pandemic wakes us up to the environmental crisis. We may realize, at last, the need to drastically reduce gas emission to slow down climate change. As humanist geographers, we also need to understand better what we mean by environment. Is it equivalent to nature—climate, forests, soils? Or should it also include the virus, which is, after all, part of nature, part of our environment? In short, nature is not entirely friendly to human beings. 99.8% of all species that existed have become extinct. So, why not the human species?

And I would like to insist on your view on the role of humanistic knowledge for the construction of a better and more just world. How should they act to promote this project?

Humanistic geography takes a more complex view of what it means to be a human being than does human geography or, indeed, the other social sciences, all of which tend to emphasize just one or two aspects such as the economic, the social, and the political. Humanistic geography recognizes the importance of these aspects but adds to them the psychological and the moral. Adding the psychological (emotion, feeling, thinking) dimension to what it means to be human makes any systematic study difficult enough, but the moral as well?

The moral takes us beyond the social sciences into moral philosophy, and beyond

em relação às outras ciências sociais, que, sem exceção, tendem a enfatizar apenas um, dois ou mais aspectos, como o econômico, o social e o político. A “geografia humanística”, por exemplo, reconhece a importância desses aspectos, mas acrescenta a eles o psicológico e a moral. Adicionar a dimensão psicológica (emoção, sentimento, pensamento) ao sentido de ser humano já torna qualquer estudo sistemático difícil o bastante, mas com a moral, também? A moral nos leva para além das ciências sociais, em direção a uma filosofia moral, e, para além da filosofia moral, para a religião — e a religião não só como prática cultural, mas como uma fé articulada, considerando a relação entre os seres humanos e a natureza e aquilo que os ultrapassa e transcende-os a ambos: Deus.

moral philosophy into religion—and religion not as just a cultural practice, but as an articulated faith regarding the relationship between human beings and nature and that which overarches and transcends both, God.

O que devemos aprender com essa pandemia?

Rapidamente, compreendemos que a pandemia teria sido menos agressiva se não tivéssemos sucateado hospitais e, em geral, todo o setor previdenciário por meio de políticas neoliberais. Nossas sociedades foram construídas para bem circular mercadorias e capitais, sem a devida atenção aos seres vivos e ao planeta. Hoje, percebemos o quanto essa filosofia e economia política são perigosas, mas também o fato de que ela não adere, absolutamente, ao imaginário coletivo e à vida cotidiana. Infelizmente, a resposta à crise de saúde se organizou a partir dos motivos e da dinâmica que a ocasionou, ao invés de questioná-los!

Por exemplo, o recurso frenético ao teletrabalho, o desemprego em massa e o desaparecimento das atividades culturais, consciente ou inconscientemente, induzem a um grande vazio que gera o desprezo pelos poderes instituídos. Nesse contexto, as revoltas após o assassinato de George Floyd nos EUA não estão simplesmente ligadas à questão do racismo, mas também a um mal-estar vindo de baixo, dos *outsiders*, dos marginalizados — do cotidiano — em relação a uma ordem política e econômica incapaz de se responsabilizar por seus erros, de se colocar em discussão e de propor soluções radicais para a crise.

Em muitos aspectos, a única e mais eficaz resposta foi a ordem: “fica em casa”, cada uma e cada um de seu lado, digamos, já que hoje, mais do que nunca, “o inferno é o outro” (Sartre). Desconfie dos outros, pense em você mesmo e tudo irá bem. Este é, em muitos aspectos, o delito

Que deveria nos ensinar esta pandemia?

On a bien et vite compris que la pandémie aurait été moins agressive si on n'avait pas appauvri autant les hôpitaux et, en général, tout le secteur de la sécurité sociale par les politiques néo-libérales. Nos sociétés ont été construites pour bien faire circuler les marchandises et les capitaux, sans la juste attention aux êtres vivants et à la planète. Aujourd'hui nous nous rendons compte à la fois de la mesure dont cette philosophie et économie politique est dangereuse, mais également du fait qu'elle n'adhère pas du tout à l'imaginaire collectif et à la vie quotidienne. Malheureusement, la réponse à la crise sanitaire a été organisée dans le sillage des raisons et des dynamiques qui l'ont causée, plutôt que les remettre en question ! Par exemple, le recours forcené au télétravail, le chômage de masse et la disparition des activités culturelles induisent de manière consciente ou inconsciente un grand vide dont se génère le mépris des pouvoirs institués. Dans ce cadre, les révoltes après le meurtre de George Floyd aux USA ne sont pas simplement liées à la question du racisme, mais aussi à un malaise venant du bas, des «outsiders», des oubliés – de la vie quotidienne – par rapport à un ordre politique et économique incapable d'assumer ses erreurs, de se mettre en discussion et de proposer des solutions radicales à la crise. A bien des égards, sa seule et plus efficace réponse a été l'ordre : « Restez chez vous », chacune et chacun de son côté, soi-disant puisque aujourd'hui plus que jamais « l'enfer c'est l'autre » (Sartre), méfiez-vous des gens, pensez à vous-même et tout ira bien. C'est, à bien des égards,

perfeito da *socialidade*! Isso implica que, contra os discursos públicos e a propaganda, tudo está em obra para salvar a ordem das coisas que possibilitou a violência desta pandemia, corolário da violência contra o meio ambiente e da violência contra as liberdades pessoais e coletivas!

Com a pandemia, houve uma explosão de fatores devido à busca por conteúdo audiovisual via streaming, videogames e redes sociais. Trata-se de entretenimento e fuga ou bem alienação e mercantilização da vida?

Marx havia identificado no trabalho abstrato das fábricas, em relação ao trabalho concreto que o precedia, uma alavanca decisiva para a alienação do proletariado; agora, nessas novas paisagens midiáticas, não apenas se apaga a distinção entre tempo livre e profissional, vida privada e pública, mas nós constatamos também a abstração integral de cada um dos aspectos do mundo, dissimulada atrás das fórmulas “digitalização”, “realidade aumentada”, “*smart city*”, “*clouds*”, “marketing experiencial”, “*Internet of things*”...

É com isso que se parece a “mobilização total” erigida por Maurizio Ferraris, como princípio psicocultural de nossa época. Como em tempos de guerra, de acordo com a análise do filósofo italiano, hoje somos todos chamados a nos manifestar e estar disponíveis, alcançáveis, em modo *on*, prontos para agir e reagir aos chamados e lisonjas de novas e misteriosas sereias que representam a dominação contemporânea, “dispositivos para registrar e mobilizar a intencionalidade”. “De fato, pela primeira vez na história do mundo, temos o absoluto no bolso. O dispositivo, do qual a *web* é a manifestação mais óbvia, é um império sobre o qual osolnuncasepõe e ofato de ter um *smartphone* no bolso significa, certamente, ter o mundo nas nossas

le délit parfait de la socialité ! Il implique que, à l'encontre des discours publics et de la propagande, tout est en œuvre pour sauver l'ordre de choses ayant rendu possible la violence de cette pandémie, corollaire de la violence contre l'environnement et de celle envers les libertés personnelles et collectives !

Avec la pandémie, il y a eu une explosion due à la recherche de contenu audiovisuel en streaming, des jeux vidéos et des réseaux sociaux ? Est-ce qu'il y a là divertissement et évasion ou bien aliénation et marchandisation de la vie ?

Marx avait identifié dans le travail abstrait des usines, par rapport au travail concret qui le précédait, un levier décisif de l'aliénation du prolétariat ; désormais, dans ces nouveaux paysages médiatiques, non seulement s'efface la distinction entre temps libre et professionnel, vie privée et publique, mais nous constatons aussi l'abstraction intégrale de chacun des aspects du monde, dissimulée derrière les formules « numérisation », « réalité augmentée », « smart city », « clouds », « marketing expérientiel », « Internet of things »...

Voilà à quoi ressemble la « mobilisation totale » érigée par Maurizio Ferraris en principe psycho-culturel de notre époque. Comme en temps de guerre, selon l'analyse du philosophe italien, nous sommes aujourd'hui tous appelés à nous manifester et à être disponibles, joignables, en mode on, prêts à agir et à réagir aux appels et aux flatteries de nouvelles et mystérieuses sirènes représentant la domination contemporaine, les « appareils d'enregistrement et de mobilisation de l'intentionnalité ». « En effet, [p] our la première fois dans l'histoire du monde, nous avons l'absolu dans la poche. Le dispositif, dont le Web est la manifestation la plus évidente,

mãos, mas, automaticamente também, ter as mãos do mundo: a qualquer momento pode chegar um pedido e a todo momento seremos responsáveis” (M. Ferraris, *Mobilisation totale*, p. 17).

Ser ativo ou interativo corresponderia, assim, a um estado radicalmente diferente da *vita activa* desejada por Hannah Arendt em referência à Atenas de Péricles, entendida como a vida política do homem livre baseada na ação, na *praxis* e no discurso, *lexis* (H. Arendt, *Condition de l’homme moderne*). Em nosso mundo, trata-se antes de destinar nosso vitalismo, com todas as pulsões, as paixões e as emoções que o animam, aos esquemas pré-emballados que, só aparentemente, se adaptam à nossa sensibilidade e, pelo contrário, visam a nos persuadir e neutralizar nossa vontade para nos colocarmos a serviço da grande máquina, a fim de que nos submetêssemos para outra, mais perturbadora.

Estamos no coração da tragédia, sem salvação ou solução possível. A epifania da nova carne, da qual somos e não seremos mais o núcleo fundador, mas uma partícula elementar entre outras, dependente do que precede e ultrapassa o sujeito, talvez esteja, inextricavelmente, ligada ao nosso sacrifício, um dom de si¹ em nome de toda alteridade que, entre natureza e tecnologia, céu e terra, orgânica e inorgânica, pulsa além e aquém de nós. Depois do humanismo, para além do Ocidente, do indivíduo e do social: a aurora digital. Talvez tenha chegado o momento de não mais lamentar o que já não existe, já morrendo, mas antes compreender, agarrar e acompanhar o que está em via de nascer nas ruínas do nosso mundo.

¹ Duvignaud aparece aqui, novamente, com “Le don du rien” (“O dom do nada”), livro ao qual Susca se refere antes, naquele sentido de uma “doação” ou “entrega” altruísta de si em momentos festivos, sobretudo.

est un empire sur lequel le soleil ne se couche jamais, et le fait d’avoir un smartphone dans la poche signifie à coup sûr avoir le monde en main, mais, automatiquement aussi, être aux mains du monde : à chaque instant pourra arriver une requête et à chaque instant nous serons responsables» (M. Ferraris, *Mobilisation totale*, p. 17).

Être actif, ou interactif, correspondrait ainsi à un état radicalement différent de la vita activa souhaitée par Hannah Arendt en référence à l’Athènes de Périclès, entendue comme vie politique de l’homme libre fondée sur l’action, praxis, et sur le discours, lexis (H. Arendt, *Condition de l’homme moderne*). *Dans notre monde, il s’agit plutôt de destiner notre vitalisme, avec toutes les pulsions, les passions et les émotions qui l’animent, à des schémas préemballés qui ne sont qu’en apparence adaptés à notre sensibilité et visent au contraire à nous amadouer et à neutraliser notre volonté pour nous mettre au service de la grande machine, afin que nous nous livrions à l’autre le plus inquiétant.*

Nous sommes au cœur de la tragédie, sans salut ni solution possible. L’épiphanie de la nouvelle chair, dont nous sommes et serons non plus le noyau fondateur mais une particule élémentaire parmi d’autres, dépendante de ce qui précède et dépasse le sujet, est peut-être inextricablement liée à notre sacrifice, un don de soi au nom de toute altérité qui, entre nature et technologie, ciel et terre, organique et inorganique, pulse au-delà et en deçà de nous. Après l’humanisme, au-delà de l’Occident, de l’individu et du social : l’aurore numérique. Le temps est ainsi peut-être venu de ne pas et de ne plus regretter ce qui n’est plus là, en train de mourir, mais bien de comprendre, saisir et accompagner ce qui est en train de naître dans les ruines de notre monde.



**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo